



O OUTRO ESPELHO DA AMERICA: REFLEXOS CONVEXOS EM LETRAS DE MULHER¹

THE OTHER MIRROR OF AMERICA: CONVEX REFLECTIONS IN WOMEN'S WORDS

María Antonia Miranda²

Resumo: O texto é uma aproximação à escrita de duas narradoras latino-americanas, a brasileira Nélide Piñón (1937) e a chilena Isabel Allende (1942). Enfocado no marco de um espelho convexo por entender que se trata, ainda hoje, do exercício de projetar a América em uma simbiose de geografias, discursos e línguas. E se pergunta, simultaneamente, pelo papel da mulher e das identidades de gênero que afetam o espaço simbólico da nação. Centrado em uma narrativa política dos afetos, propõe a existência do país da memória, como uma utopia que funciona olhando para trás.

Palavras-chave: América, nação, narradoras latino-americanas, identidades, política dos afetos.

Abstract: The text is an approximation to the writing of two Latin American's women narrators, the brazilian Nélide Piñón (1937) and the chilean Isabel Allende (1942). Focus on the frame of a convex mirror to understand that it is still today the exercise of projecting America into a symbiosis of geographies, speeches and languages. And ask simultaneously, the role of women and gender identities that affect the symbolic space of the nation. Focusing on a political narrative of affections proposes the existence of the country of memory, as a utopia that works looking to the past.

Keywords: America, nation, Latin American's women narrators, identities, politics of affections.

A América imaginada

Imaginei que a América fosse uma mulher a sussurrar-me seus segredos, os atos de amor e violação que a criaram (GALEANO, 2005, p.9).

A proposta de adentrarmos no outro espelho da América, e na idéia de uma imagem convexa, significa, inicialmente, um convite para

¹ Artigo recebido em 05 de julho de 2019 e aceito para publicação em 10 de outubro de 2019.

² Doutora em Estudos Interdisciplinares Mulheres, Gênero e Feminismo. Investigadora Agregada Instituto de Investigación Cultural Juan Marinello. E-mail: sociologymara@gmail.com.

uma aproximação à escrita de duas narradoras latino-americanas, a brasileira Nélide Piñón (1937) e a chilena Isabel Allende (1942). Em especial, porque nela encontramos frases que reintegram, no imaginário perdido das crises da utopia, as idéias reconciliatórias e, ao mesmo tempo, questionadoras do espaço nacional, quando se expressa, no caso de Nélide que: “Sob o teto desse continente, de telhas e palmeiras, intitulado pátria, lar, desterro, nós vicejamos, florescemos. Em uníssono, desencadeamos o tormento e a esperança de integrarmo-nos a essa América Latina, corpo místico de uma grande nação” (PIÑÓN, 2011, p. 35).

Estas são as narradoras que, muitas vezes, apontaram a América como uma zona definida, conforme suas narrativas, a apresentam, pela vinculação com a existência das ditaduras, a migração medular, a pobreza e/ou como uma barreira cultural imaginária com uma denominação imposta. Por sua vez, mostram-se conscientes de que foi através da incidência de diferentes processos entrelaçados que apareceu esta premissa desfavorável para nossa “zona de experiência” latino-americana, caracterizada pela marginação, subalternidade, dependência e pelo descentramento.

Já que também passa a ser definida, desde o próprio trabalho da crítica literária, como o que Josefina Ludmer (2010) desempenha no seu texto, *Aqui América Latina*, como uma entidade temporalmente diferente segundo a história *desarrollista*, contada em etapas da modernidade, da civilização e do progresso contínuo que coincidem com a história do capitalismo e do império.

Um ponto de contato com as obras das narradoras, aqui selecionadas, é aquele que Ludmer destaca, quando, nessa cronopolítica, o continente se encontra sempre em uma etapa temporal anterior, atrasado ou emergindo em relação com o constituído dentro de uma lógica processual inacabada e reajustável a cada salto modernizador. Mas, principalmente, este espelho convexo enfoca as narrativas, por entender que se trata, ainda hoje, do exercício de projetar a América (em uma simbiose de geografias, discursos e línguas/dialetos) como “território” colonizado em resistência e em construção.

Isto resulta relevante devido à existência precedente de uma concepção metafísica do ser latino-americano como pureza originária que emana do continente virgem, afirmando uma espécie de identidade-essência que se fundamenta na oposição entre o racional e o irracional, o civilizado e o bárbaro, o artificial e o natural, enfim, entre a

superficialidade das aparências (a máscara *européizante*) e o genuíno e autóctone do ser continental.

Mas, “quando se pensa na América Latina, o que é que pensamos?” (RUIZ, 2011, p. 30). Nos momentos iniciais à aproximação das autoras latino-americanas, a pergunta deste autor foi utilizada para endereçar um dos caminhos possíveis na busca de respostas com a intenção de que fosse, pelo menos, um dos caminhos menos transitados pela lógica formal das disciplinas científicas – sem descartar aqueles conceitos que se tornaram fulcrais em qualquer discussão sobre a História de América: a utopia e a realidade (RUIZ, 2011).

Não obstante, explorando desde posturas irreverentes, em um campo artístico, intelectual e subversivo como é o campo da literatura, já que para o pensamento da autora brasileira: “a proclamação, pois, de que a América, envolta em denso mistério, afinal existia, realiza-se então por meio de sólidos enunciados escritos” (PIÑON, 2011, p. 15) e porque, como também a descreve Piñon:

A América de Tobías oscilava entre uma soberania aviltada, a prática de sonhos fraudulentos, e a existência de templos sagrados. Com suas campinhas, cordilheiras e densas florestas, a figura solitária de América pendia da corda como um enforcado. Semelhante gesto pendular, de suprema desenvoltura no espaço, havendo impedido até hoje que agarrassem América com as mãos, e contra ela perpetrassem em definitivo um estupro histórico (PIÑON, 1984, p. 52).

Por outro lado, são numerosas as perguntas que tentam definir a questão do ser latino-americano, e dentro delas devem-se reconhecer os questionamentos interessados em analisar:

De que maneiras o romance latino-americano localiza o presente que situa a América Latina em relação a si mesma e sua história?: Como se comporta uma América Latina não mais lida a partir do estabelecimento de um passado original ou, então, a partir de um giro autoreflexivo sobre aquele tipo de orientação? Noutra relação com o tempo, como se comporta uma América Latina não mais comprometida com o futuro, com o melhoramento ou a superação das suas limitações – uma América Latina que, mesmo quando criticada na literatura, não aparece atrelada atavicamente a um passado que a explique nem

confrontada com a necessidade da mudança?
(CHAGAS, 2011, p. 52).

Essas são perguntas que merecem uma especial atenção. Nelas se misturam duas ou mais “realidades”; por exemplo: “uma América não mais lida a partir do estabelecimento de um passado original” nos obrigaria a entrar em um terreno interdisciplinar sobre a compreensão da alteridade e, também no campo do palimpsesto. Por outra parte, “não mais comprometida com o futuro, nem confrontada com a necessidade de mudança”, pertence a um paradigma que interpreta o futuro como uma meta-narrativa de ordem tradicional. É assim que, ao mudar o paradigma, mudam as perguntas. O que é que acontece quando a história que interrogamos, é, por exemplo, a história das mulheres? E o romance que interrogamos está atrelado a essa história?

E se a família articula o tempo da nação? Qual o papel da mulher, e das identidades de gênero? Não percamos de vista o fato de que algumas escritas da memória surgiram, no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1980 (FIGUEIREDO, 2013). Márcia Hoppe Navarro (1995) distinguia que a principal característica da ficção produzida por escritoras latino-americanas durante os 80 consiste em uma reavaliação do papel da mulher na história, e que isto pode se atribuir àquelas mudanças gerais que ocorreram a partir “dos movimentos de liberação da mulher que marcaram os anos 60 e 70”. Neste período, aparece o sentimento de desarraigamento pela terra perdida e se combina o literário com um registro do jornalismo mágico, ou simplesmente testemunhal, que implica uma atitude menos preconceituosa com respeito às relações sexuais, uma visão crítica das relações familiares e o esforço pela erradicação de posturas de submissão ou passivas.

Mas eu não nasci para obedecer ou ser submissa. Quero uma vida límpida, agônica, como seja, mas minha. Quero caminhar pelos meus próprios pés lacerados, sangrando, altivos. O senhor, pai, veio para América com o mesmo espírito dos conquistadores, ávidos por punir os índios e as mulheres, mesmo as mulheres brancas. Puni-las com um sexo submisso, destinado unicamente a parir, Esperança rugia ferida (PIÑON, 1984, p. 717).

Aparecem, de igual maneira, nos romances, a ausência de um sentido unitário da existência, a solidão, a fragmentação, e a

descentralização do sujeito. Nesse mesmo sentido, a década de 80 é um momento que se distingue (em termos gerais e que abarca o espaço do latino-americano) pelo passo do prospectivo ao retrospectivo, pelo movimento de reintroduzir o historiador na história.

Em consonância, emerge a mulher como personagem com uma função específica, a de escritora, com o poder de narrar sua realidade e a si mesma (FIGUEIREDO, 2013, p. 83). Uma emergência que se qualifica como salvadora e que interpreto como mecanismo de revelar e conectar pontos estratégicos de conformação de espaços de sentido, uma vez que, através de sua consolidação e existência, pode-se manejar e dialogar com os significantes instaurados, afetando o espaço simbólico “nação” com uma escrita que resulta ser uma narrativa política dos afetos.

Quando um escritor, e vou começar com o uso do masculino, realiza o exercício de imaginar um país, uma nação, esse escritor cria esse país, e essa nação, e os cria para perpetuá-los. E mesmo, sem a intenção fatídica da transcendência, esta criação será eco, um protótipo, um mapa subjetivo, na escuridão das tentativas de abraçar uma visão do que se estende, e entende como culturalmente imenso e inapreensível. Sua definição, às vezes abstrata, outras vezes concreta, paradoxal, definição que também erra, certamente, concorre com tantas outras. Talvez ela exista para anular o sentido único do já definido ou, simplesmente, para complementá-lo, ou, até, para apontar que não precisamos de uma forma de completar e sim, de uma forma cada vez mais complexa de estender o que já era tido como desconhecida imensidão.

Porém, quando um escritor realiza tal exercício de imaginar um país, ou nação, e pode, já, fazê-lo com um continente, esse escritor é avaliado. Ele mesmo avalia desde diversas perspectivas “individuais” e entra, do mesmo modo, no circuito das condicionantes sociais, dos riscos e obstáculos impostos à imaginação: porque o poder que avalia, quase nunca quer ser avaliado. Uma crítica de este ser (a figura do escritor ainda em masculino) ao poder, pode ser ignorada, mas quando se trata do sentimento de não reconhecer a avaliação feita pelo poder, achamos um fato que dificilmente pode ser ignorado. Inclusive, este fato agita a estrutura psíquica-sócio-cultural de uma pretendida memória histórica, sacode-a em um nível intersubjetivo, até de consciência. Muitas vezes contra os artistas, neste caso, os/as escritores/as, o poder oficial, repentinamente, acorda e se levanta.

De maneira que, se o *escritor*, em representação de um cânon androcentrista, devia passar pelos constructos e aprisionamentos do olhar de relações violentas e assimétricas no campo de forças da criação artística, as escritoras, em plural, deviam passar primeiro pela contestação deste cânon. Elas tinham suas próprias maneiras de questionar e outros obstáculos que vencer. Nos momentos iniciais, o gênero parecia ser o maior dos obstáculos.

Em ambas autoras (Piñón e Allende) encontramos uma mirada provisória, pela qualidade da mudança, sobre a aparição das mulheres, de forma plural, em tantos corpos e discursos, em um cenário público. Este cenário se reconveria, pela força do movimento feminista, em um espaço de confrontação e também de negociação das diferenças, nas décadas de 60 e 90, o que permitia passar a discutir a problemática de novos sujeitos, ao propor uma nova forma de encarar e auto-encarar a outridade (MONTECINO, 2007).

No entanto, isto não me conduz para um aprofundamento da ligação entre esses avanços do movimento e as obras como seu espelho. Pelo contrário, persiste minha tentativa de caminhar dentro de uma lógica difusa na qual se espalha e reconverte, segundo a subjetividade, a existência de um produto identitário que consegue dialogar com seus principais objetivos de transformação, para mostrar as dificuldades e tensões de sua encarnação, nos filamentos da vida prática, de uma vida que continuamente se refrata em níveis de poder ambíguos e contraditórios, além de diferenciadores e assimétricos.

Tomando essas obras, nesse sentido do nacional, como representações de dois acontecimentos: a crítica de modelos sociais ditatoriais e o boom do reconhecimento da literatura das mulheres. Aparecem outros aspectos, como a comparação com o significante do real-maravilhoso e uma estética ao interior do fantástico, que falam das problemáticas e conflitos de identidade de gênero, imbuídos do impacto que as ações do movimento feminista da época conseguiram inserir em um cotidiano também ideológico.

Paralelamente, as duas escritoras mostram “divagações” inerentes à escrita que conseguem pontuar os significados outros (por falar do “privado” como político) imersos no campo do imaginário social latino-americano que se espelha na expressão da romancista brasileira: “Os artistas já não são os donos exclusivos da imaginação. Quem desfruta agora do desvario da imaginação é o Poder. Como exemplo,

basta olhar os ditadores da América Latina, só para ficarmos neste continente” (PINÓN, 1984, p. 590).

Não devemos entender, então, como casualidade, o fato de que essas duas obras, de Piñón e Allende, tenham em comum um mesmo traço: o de utilizar o terror dos avôs, como figura patriarcal central de ambas as narrativas, a partir da qual se desencadeia o exercício de extração (recriação) das memórias.

O país da memória, um objeto literário para o(s) feminismo(s)

Quem sai e quem fica, quem é expulso da construção nacional? Os muros da casa (*A casa dos espíritos*³) parecem demais com os muros do sistema político, macro, da república (*A república dos Sonhos*⁴). A imaginação das mulheres, nos romances estudados, detona a idéia aceita sobre ponto de origem ou uma única origem (nascimento da nação) por trazer uma multiplicidade de lugares iniciais (universos paralelos ou superpostos) que se implicam e se materializam em um lugar sincrético plural, criado como perda e, portanto, como tentativa de recuperação (ligado ao mito).

Do mesmo modo que se fala de uma literatura intimista para descrever a literatura das mulheres segundo as/os teóricas/os especializadas/os no tema, aparece também, nesta análise discursiva, uma noção de nacionalidade intimista, não obstante, valha agregar o fato da presença de uma intimidade aberta, seja na interpretação dos seus impactos assim como, também, nos efeitos sobre as relações assimétricas entre os gêneros.

A pátria é equiparada a qualquer dos objetos, dentro de uma variada multiplicidade que lhe serve como moeda de troca. A pátria se funde nos anéis como matéria de intercâmbio que é usada: cotidiana, mundana, manuseável. Até o ruído das panelas e dos objetos caseiros operaram metonimicamente, visto que desde o doméstico se interpelou o poder das armas (MONTECINO, 2007). Desde o espaço da casa e com os signos da mãe se ritualizaram os atos da impugnação da ditadura (MONTECINO, 2007).

As romancistas conseguem marcar uma fratura com vários elementos, entre eles as noções de territorialidade, por ampliar os referentes espaciais à palavra como lugar, ao discurso como habitável, à

³ *La casa de los Espíritus* (Isabel Allende, 1982).

⁴ *A República dos Sonhos* (Nélida Piñón, 1984).

nação dentro do corpo ou à nação corporificada, enfim, ao território internalizado pela subjetividade. Fraturam o sentido dicotômico entre objetivo-subjetivo, assim como entre o privado-público e arremetem contra a linearidade da história que apresenta um viés prático, já que incentiva o empoderamento das minorias, tais como as mulheres.

Clara trajo la idea salvadora de escribir con el pensamiento, sin lápiz ni papel [...] Le sugirió, además, que escribiera un testimonio que algún día podría servir para sacar a la luz el terrible secreto que estaba viviendo, para que el mundo se enterara del horror que ocurría paralelamente a la existencia apacible y ordenada de los que no querían saber [...] ignorando, a pesar de todas las evidencias, que a pocas cuadras de su mundo feliz estaban los otros, los que sobreviven o mueren en el lado oscuro (ALLENDE, 1982, p. 249).

Nélida Piñon (2011) entende para este continente latino-americano a existência de uma relação peculiar entre esses mitos, a arte, a história das nações e a história privada dos indivíduos. América é, em primeiro lugar, uma alteridade, um fruto da imaginação, uma narrativa de identificação e, sobretudo, o resultado de muitas histórias individuais. Em *O presumível coração da América* (2011), há uma preocupação pela origem, pelo descobrimento, mas, ao interno de uma recriação do que se entende por alteridade em formato macro, porque abarca um continente que é colonizado não só desde o olhar de quem descobre senão, principalmente, para Nélida Piñon, pela linguagem e, portanto, isto comporta uma pluralidade.

Toda esta recriação sobre descobrimento e linguagem parte desde o início da denúncia das poucas oportunidades e dos obstáculos das mulheres dentro da tradição ocidental da colonização frente à ação de discursar, pronunciar os discursos como mulher. O ato da denúncia e a sinalização deste fato como um condicionamento que subalterniza o feminino dentro do papel de delimitar, tecer as margens ou as bordas, do dentro-fora da pátria-verbo é o primeiro sinal político com que parte a falar de América: E ainda o fato de a mulher, de problemática visibilidade no sistema literário, de escassa presença na engrenagem política e social, raramente subir ao púlpito para discursar. Isto é, para formular, a partir desse espaço de poder, de um cenário a vista de todos, com o microfone ao alcance, uma linguagem e um pensamento que

sejam minimamente compatíveis com os protocolos e as convenções institucionais (PINÓN, 2011, p. 8).

E por este motivo apenas escolhi o Brasil para viver? Uma terra que misturou de forma singela, e em doses injustas, um tanto de miséria, de confetes, de serpentina, de espermas carnavalescos, de bocetas intensas, de uma fé indolente, de abraços intermináveis, de um triunfalismo infundável! Enquanto os sentimentos cercavam-se de palmeiras, dunas e brisas. A vida recortada por rios sem fim e começo. Cada qual de índole invencível, impedindo que se alcançasse a outra margem com fortes braçadas. Estará do outro lado a tenda dos sonhos? (PINÓN, 1984, p. 652).

Em minha opinião, este é um dos trechos que conseguem extrair uma definição de nação no romance da escritora brasileira. Atribuído ao personagem de Madruga, este pensamento se estende pelo texto até ser confrontado com a morte: Foi este Brasil que me acolheu nesses anos, na expectativa de me expulsar de suas aquecidas entranhas com um pontapé no traseiro, sob risos gerais? Um país que me deixará pálido e esquelético, para que se mencione este declínio no piedoso dia do meu enterro? (PINÓN, 1984, p. 652). De outra parte, a nação de Allende se encontra atrelada à lembrança da ruptura da história, quando da tomada do poder, em 1973, da luta pelo seu resgate, quando o país conseguiu recobrar sua tradição democrática e ao desafio de elaborar políticas da memória que lutem contra o esquecimento (RICHARD, 2002):

Por el camino pude ver la ciudad en su terrible contraste, los ranchos cercados con panderetas para crear la ilusión de que no existen, el centro aglomerado y gris, y el Barrio Alto, con sus jardines ingleses, sus parques, sus rascacielos de cristal y sus infantes rubios paseando en bicicleta. Hasta los perros me parecieron felices, todo en orden, todo limpio, todo tranquilo, y aquella sólida paz de las conciencias sin memoria (ALLENDE, 1982, p. 258).

Existe aqui uma peculiar idéia de nacionalidade. Refiro-me ao ponto de que não se trata de palpar a grande história senão de algo que aparenta ser muito mais acessível: o entendimento destas mulheres acerca das conexões nação-memória, nacionalidade-memória. Se bem que a história e o contexto se constroem ao redor de um grupo de

interesses e quase sempre os fazemos combinar e encaixar com aquilo que nos sentimos obrigados a demonstrar respondendo ao intuito de qual seria a manipulação da história que mais nos apetece e nos convence? E, por outro lado, de qual das versões não queremos nem ouvir falar? Estas escritoras, tanto Allende como Piñon, introduzem na avaliação imaginária dessas conexões um detonante reflexivo (ferramentas cognitivas que ligam o conhecimento às áreas de afecção e afetação comprimidas em uma recriação ativa das próprias lembranças).

A costura com a temática da nacionalidade começa, para elas, na impossibilidade do regresso físico ao país da memória, ou seja, ao que fica como recordação gravada em um discurso da mente sobre um lugar ao qual não pode se voltar porque é sempre um sítio imaginário. O país da memória é convertido em uma utopia que funciona olhando para trás, na tentativa de fazer coincidir o sonho da recordação com algum objeto, as escritas estão preenchidas com bússolas, com a arqueologia que coleciona determinados objetos, porém não são os monumentais que aparecem inapreensíveis nesta tarefa de coleta.

Levam, na sua bolsa, na mochila, monumentos em miniatura e que são menores (“literatura menor”) porque assim lhes têm permitido as condições, digam-se, os temas ética do cuidado e a família, menores e côncavos para se encaixarem com os outros monumentos menores das outras cidades que levam os/as diferentes em suas malas de exilar se, de sair-se fora das palavras. Às vezes, como no caso de Isabel Allende, são diários com fotos amareladas ou fotos sem cores, e tem que se explicar a imagem de uma foto que já não pode se observar bem, até se descobrir que a foto existe como se renovando em cada tentativa de explicá-la; assim é a nação que parem, como exercícios da mente, muitas das obras das mulheres latino-americanas.

São obras que permitem, na maioria dos casos, a possibilidade de duvidar dos contextos, das maneiras como nos foram apresentados, seguindo uma estratégia para conectar níveis e hierarquias, as de cima com as de baixo.

Por que, então, continuar utilizando a palavra contexto como algo que rodeia e não como algo que penetra? Como algo objetivo que assegura certo tipo de circunstância, vivida de forma homogênea por todos, por igual, observada por todos ao mesmo tempo, como se não existissem lacunas?

As autoras destes romances não permanecem alheias ao destaque destas experiências. São mulheres que fabricam uma versão da

história que fragmenta, em que os fragmentos começam, ali, a se manifestar nos estilhaços do contexto que se torna cada vez menos circundante. Seus textos parecem anunciar que, de algum modo, vive-se fora de contexto, descontextualizado, em um tempo paralelo que caminha em retrospectiva, comparado com um tempo supostamente referencial e homogêneo da globalização mundial. Então, através de seus olhares, o contexto é menos redondo, menos próximo, aparece aberto, inacessível e literário. Combina com a sensação do tempo pós-moderno, que não rodeia, porque bombardeia, ao ser cada vez mais, midiático, informativo-desinformativo, ao serem suas fontes de informação mais personalizadas, pessoais, como as estilhas de identidade que parecem confirmar a frase de que os anos que antecedem a um acontecimento não necessariamente o explicam (BENJAMIN, 1940). Daí a validade de um último recurso: as memórias, em plural.

Assim, a memória inserida nos discursos alternativos sobre este espaço passa pelo condensador “identidades”, um termo precioso para a América porque, nessas práticas discursivas, é um termo corpo, um termo sangue (a busca dos desaparecidos foi, muitas vezes, uma busca guiada através de provas de sangue), um termo comprometido com a defesa da vida que ganha conotação social a partir do sentido que isto tem para as mulheres, como as personagens Alba e Breta, respectivamente das narrativas *A Casa dos Espíritos* e *A República dos Sonhos*, renovadoras dos poderes que influenciam as relações políticas, quando o hegemônico vem do poder da morte, da violência, da tortura e do silêncio.

Só basta pensar que como estas obras a apresentam, a memória da ditadura latino-americana é uma memória de compenetração, compromissada e gendrada. Uma memória que reafirmava os sentimentos e organizava, através do trabalho simbólico, sigiloso e constante, a sensibilidade do termo pátria. A pátria era, assim, a denúncia de sua falta e, também, sua paulatina recriação, dentro dos sonhos coletivos.

Para o feminismo, o que significaria um aporte que venha do exercício de escrever sobre o que nos afeta diretamente? E por que o que afeta se constitui em uma falta, carência, que viria a ser uma espécie de componente desestruturador da identidade nacional latinoamericana? Seria a denúncia da aniquilação de corpos-mentes subversivos, o paradoxo da existência dividida entre o “dever ser” e o não conseguirmos “chegar a ser”, a privação de peso ontológico, ao se

converterem em referentes apagados que prometem e exercem uma força de retorno como espírito, sonho, utopia? Ao que parece, saímos em busca de um caminho, de um sonho que se politiza, de uma espiritualidade definida pela politização dos afetos, em um plano que resgata o mito e que escapa do místico como uma estranha mágica desapegada dos valores e que também escapa das relações tradicionais sobre o poder para se coagular na escrita das mulheres.

Referências

ALLENDE, Isabel. **La casa de los espíritus**. Barcelona: Planeta Diagonini, 1982.

CHAGAS, Pedro Dolabela. Após a nacionalidade: história do romance e produção romanesca no Brasil e na América Latina. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 38, p. 41-59, jul./dez. 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

GALEANO, Eduardo, *As veias abertas da América Latina*. Editora Paz e Terra S/A. Brasil. 2005.

HOPPE NAVARRO, Marcia (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRG, 1995.

LUDMER, Josefina. **Aquí América Latina: una especulación**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

MIES, María. ¿Investigación sobre las mujeres o investigación feminista? In.: BARTRA, E. **Debates en torno a una metodología feminista**. México (D.F): Universidad Autónoma Metropolitana, 1998.

MONTECINO, Aguirre Sonia. Identidades de Género: Fisuras y Amalgamas en el imaginario cultural chileno (del 60 al 90). En *Femenías. Perfiles del feminismo iberoamericano*. Catálogos. Buenos Aires, v. 3, p. 123, 2007.

PIÑON, Néida. **A República dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1984.

PIÑON, Néida, **O presumível coração da América**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

María Antonia Miranda

RICHARD, Nelly. Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. In: _____. **Intervenções críticas: arte, cultura, gêneros e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 142- 155.

RUIZ, Rafael. **O espelho da América de Thomas More a Jorge Luis Borges**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.